

**EDUCAÇÃO PARA LIBERTAÇÃO OU PARA REPETIÇÃO?
UMA ANÁLISE DO ENSINO OFERECIDO PELA SECRETARIA
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO (SME/RJ) PARA A CASA DE
ALFABETIZAÇÃO.**

Laísa Rodrigues Alves

Resumo

A educação pública do Município do Rio de Janeiro, oferecida pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ), divide o segmento do ensino fundamental em três ciclos nomeados: casa de Alfabetização, Primário Carioca e Ginásio Carioca. Esta pesquisa apresenta uma análise comparativa entre a educação para libertação e a educação bancária a partir da observação do material didático e das avaliações oferecidas à Casa de Alfabetização que engloba os três primeiros anos deste segmento, questionando o seu real objetivo; além de realizar entrevistas com professores da rede pública municipal, atuantes neste segmento. A partir desta observação, critica-se o atual sistema educacional usando como base o pensamento de alguns teóricos como Paulo Freire, Dermeval Saviani, entre outros. Analisou-se também as motivações que geraram a greve dos professores em 2013, tendo em vista que esta ação serviu como um meio de luta dos professores inconformados com o atual sistema. Através desta pesquisa ressaltamos a importância do papel do educador nesta mudança estrutural necessária.

Palavras-chave: Educação – Emancipatória - Alfabetização Lista de Anexos

Abstract

The public education in the city of Rio de Janeiro, offered by the Municipal Education of Rio de Janeiro (EMS / RJ), divides the segment elementary school named in three cycles: Home Literacy, Primary Gym and Carioca Carioca. This research presents a comparative analysis of education for liberation and the banking education from the observation of the teaching materials and assessments provided to the Literacy House which encompasses the first three years of this segment, questioning his real goal; addition to conducting interviews with teachers of municipal, active public in this segment. From this observation, it criticizes the current educational system using as a basis the thinking of some theorists such as Paulo Freire, Dermeval Saviani, among others. Also analyzed the motivations that led to the teachers' strike in 2013, considering that this action served as a means of struggle Dops teachers unhappy with the current system. Through this research underscore the importance of the educator's role in this change structural necessary.

Keywords: Education - Emancipation - Literacy List of Exhibits

**¹EDUCAÇÃO PARA LIBERTAÇÃO OU PARA REPETIÇÃO?
UMA ANÁLISE DO ENSINO OFERECIDO PELA SECRETARIA
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO (SME/RJ) PARA A CASA DE
ALFABETIZAÇÃO.²**

O presente trabalho surge da inquietação provocada pela qualidade, ou falta de, da educação pública no Ensino Fundamental I ofertada pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro/SME-RJ; partindo de uma análise específica da “Casa de Alfabetização³” no ano de 2013, refletindo e indagando que tipo de educação é essa, para liberação ou para repetição? Tomamos como base para esse questionamento os conceitos determinados por Paulo Freire e retomados por vários outros pensadores da educação brasileira, que apontam para uma diferenciação entre uma educação libertária e uma educação pautada na repetição. Temos como objetivo analisar, de forma crítica, o ensino ofertado pela Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro, para o ano letivo de 2013, destinados a “Casa de Alfabetização” que abrange os três primeiros anos do ensino fundamental, a fim de, procurar subsídios nesta estrutura educacional para, em linhas gerais, entender sua concepção política ideológica, Tomamos como critério os princípios de Paulo Freire, que norteiam a formação de um sujeito ético, crítico e participativo do processo de conhecimento. A partir deste critério, tentaremos ver se se trataria de uma educação crítica ou se se trataria de uma educação baseada na repetição, ou seja, a educação bancária⁴.

¹Trabalho de conclusão do curso de licenciatura plena em Pedagogia pela Faculdades Integradas Campograndense(FIC)/Fundação Educacional Unificada Campograndense(FEUC)

² Para este trabalho será usado como metodologia de pesquisa, três pontos base (I) O referencial teórico, (II) Um trabalho de campo qualitativo, (III) Uma análise partindo de dentro do objeto estudado como sujeito participativo desta pesquisa. Será realizado um trabalho de campo qualitativo que trará para esta pesquisa a percepção de Professores/as a partir de entrevistas compostas por um questionário “aberto” afim de, perceber a sua visão referente ao ensino oferecido na rede pública para os três primeiros anos de Ensino Fundamental.

³Nomeclatura utilizada ao referir-se aos três primeiros anos do Ensino Fundamental I - no qual deve-se ocorrer o processo de alfabetização – após a reestruturação das escolas da Rede Municipal do Rio de Janeiro, criada pela atual gestão, onde o Ensino fundamental I e II divide-se em “Casa de Alfabetização” (1º ao 3º ano), “Primário Carioca” (4º ao 6º ano) e “Ginásio Carioca” (7º ao 9º ano).

⁴Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido.

1. O antagonismo da educação: concepções e práticas da educação bancária e da educação como prática de liberdade.

Em uma conferência mundial, organizada pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - em 1990, concluiu-se que a educação deveria estar pautada em quatro pilares:

- I. Aprender a conhecer,
- II. Aprender a fazer,
- III. Aprender a compartilhar e
- IV. Aprender a ser.

Porém, devemos refletir sobre o real objetivo de cada um destes pilares, conhecer, fazer, compartilhar e ser o que? Estes pilares, por si só, se tornam vagos e podem ser (muitas vezes) usados para o interesse de pequenos grupos fortalecendo a educação desigual com caráter opressor.

O primeiro item, que diz respeito ao “conhecer”, pode afastar-se do fazer pedagógico emancipatório por não objetivar aquilo que é de suma importância para formação plena do indivíduo, debruçando-se apenas nos conhecimentos restritos as necessidades do mercado de trabalho para o qual aquele grupo esta, de acordo com o sistema capitalista, destinado.

No segundo item, o “fazer” destina-se a parte mais pratica do processo de ensino-aprendizagem, e por este estar ligado a um processo de mecanização do sujeito e de sua mão-de-obra, este conceito de “fazer” pode torna-se superficial e alheio a qualquer reflexão ou crítica.

Dentro desta concepção capitalista da educação, o “compartilhar” diz respeito à troca de conhecimentos a fim de que ninguém detenha um conhecimento específico, podendo tornar-se assim insubstituível.

O quarto item, que se refere ao “ser” traduz um dos principais objetivos da educação capitalista, a moldagem do indivíduo a fim de transformá-lo naquilo que interessa para o mercado de trabalho, sendo assim a formação do aluno/a não se baseia em uma educação em direitos humanos e sim no que querem que eles sejam.

Neste texto tentaremos reconhecer, em suas características, as reais intenções desse tipo de educação, reconhecer se estes pilares estão dando base a uma Educação para libertação ou para repetição, assim trataremos do tema proposto a partir de dos subitens 1.1 e 1.2 com o objetivo de explicitar a educação no capitalismo em sua fase atual.

1.1 Educação Bancária: A educação como reprodução das relações capitalistas.

A educação que encontramos atualmente no Brasil é definida por Paulo Freire como Educação Bancária, que tem “por finalidade manter a divisão entre os que sabem e os que não sabem, entre os oprimidos e opressores. Ela nega a dialogicidade, ao passo que a educação problematizadora funda-se justamente na relação dialógico-dialética entre educador e educando; ambos aprendem juntos” (FREIRE,1987), A educação bancária é baseada é baseada na repetição, voltada para o mercado de trabalho, visando preparar a elite para permanecer no poder sendo ‘ a cabeça’ do capitalismo nacional e a classe trabalhadora⁵ para serem os subordinados, mantendo assim a lógica do sistema capitalista servindo de ferramenta para perpetuação da alienação e da segregação social.

Desta forma percebemos que a escola assume o papel central de preparar os indivíduos para ingressar no mercado de trabalho, não tendo ele a liberdade de escolher entre uma grande variedade de opções; a educação bancária prepara os indivíduos de acordo com a sua ‘finalidade’ para a sociedade, pois “a natureza da educação [...] está vinculada ao destino do trabalho”⁶, sendo assim, forma-se na escola o que é exigido para aquela determinada região, determinando assim se o enfoque será mais para uma preparação de um indivíduo pensante ou ter uma mão-de-obra barata.

Celso Antunes, apresenta a Educação Bancária como uma

expressão usada por Paulo Freire para expressar o procedimento pedagógico centrado na figura do professor e sua explanação de conhecimentos. Deposita informações na cabeça do aluno para solicitar sua devolução quando das provas. A educação bancária, ainda muito comum entre nós, é domesticadora controlando o pensamento e a criatividade nos alunos (ANTUNES,2013)

Esta educação, segundo Marques (2006) está negando o direito de “agir em sua própria história” direito esse fundamental a todo homem e mulher. A crítica de Paulo Freire a esse sistema se dá pelo fato dos conhecimentos serem ‘depositados’ nos alunos/as por meio da memorização mecânica.

⁵Os que vivem do seu próprio trabalho e os que buscam trabalho”(SANTOS,p.39)

⁶Emir Sader, em prefácio a István Mészáros, Educação para Além do Capital.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que se julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação⁷ da ignorância, segundo a qual esta se encontra no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca. (FREIRE, 2011, p.81)

Paulo Freire não foi o único a escrever e nomear este processo. Vygotsky define-o como “Velha Escola” onde critica o seu ensino direto abolindo a necessidade de toda a estruturação necessária para elaboração do pensamento devido à tendência de ‘facilitar’ contrariando os princípios educativos mais básicos

até hoje o aluno tem permanecido nos ombros do professor. Tem visto tudo com os olhos dele e julgado tudo com a mente dele. Já é hora de colocar o aluno sobre as suas próprias pernas, de fazê-lo andar e cair, sofrer dor e contusões e escolher a direção. E o que é verdadeiro para a marcha – que só se pode aprendê-la com as próprias pernas e com as próprias quedas – se aplica igualmente a todos os aspectos da educação. (VYGOTSKY, 2001)

Em outras palavras, este processo tira a individualidade e a autonomia dos educandos modelando seus pensamentos, falas e atitudes em uma forma única e universal.

Aparecida Santos (2012), também questionou e criticou este sistema, a Pedagogia do Mercado – nomenclatura usada pela pesquisadora - se caracteriza em um modelo de educação imposta a partir dos governos neoliberais no Brasil; a preparação do terreno para esta pedagogia se dá pela incorporação de uma concepção demagógica, populista, ‘caricata’ da escola tradicional. Esta Pedagogia do Mercado, ou Pedagogia da Morte⁸, é consequência do sequestro da escola que primeiro produz uma escola fracassada e depois apresenta a solução: mercantilização. A principal ponte para forjar esse fracasso e justificar a entrega do processo pedagógico e seu mecanismo nas mãos do setor privado, representados pelos senhores do mercado, é o pseudoconstrutivismo⁹.

⁷“Processo no qual a perda de identidade, individual ou coletiva, leva a pessoa a perder a sua capacidade de decidir e atrofia a competência de saber fazer.” (ANTUNES, p.49)

⁸“O mundo do trabalho é o mundo da morte (simbólica e material), pedagogia para o mundo do trabalho contemporâneo é a pedagogia da morte” (SANTOS, p.12)

⁹Uma vulgata emergente nos anos 1980, segundo ela “na escola ‘construtivista’ não se ensina, não se planeja, não se corrige e o aluno ‘traz o conhecimento’. O professor não deve impor o conteúdo. Só se trabalha com a realidade do aluno, entendida aqui como realidade imediata e empírica. Não se busca construir o ‘conhecimento pensado’”. (SANTOS, p.30) A concepção atual do construtivismo é errada e transforma-o em um fracasso.

A mercantilização da educação “evidencia o conceito de educação como serviço e não direito” (SANTOS,2012,p14), sendo importante sinalizar que esta mercantilização é a ‘invasão’ da lógica do mercado em todo o processo de produção pedagógica.

Este processo de sequestro da escola, ou desqualificação da escola, traz consigo a:

- Escassez orçamentária
- Municipalização de redes desprovidas de condições de subsistências,
- Precarização dos contratos docentes
- Terceirização de atividades consideradas de apoio (manutenção,cozinha, etc.)

Na Pedagogia do Mercado, torna-se claro que quem a controla são os senhores do mercado, este controle evidencia-se no documento de criação do PREAL - Programa de Promoção das Reformas Educacionais na América Latina e Caribe - onde seus sócios fundadores afirmam terem o direito e dever de definir o que e como será ensinado nas escolas por serem eles os consumidores da ‘mercadoria’ produzida pela escola, ou seja, a força de trabalho. Este controle se torna claro quando detectamos, dentro do nosso sistema educacional, o cumprimento das metas estipuladas pelo Banco Mundial para os países em desenvolvimento expressas através da meritocracia, controle (eliminação) da autonomia do professor, entre outros aspectos tratados mais adiante.

1.2 Educação Como Prática de Liberdade: A educação para além do capital.

Diante das atrocidades capitalistas impostas a sociedade, principal e diretamente às classes menos favorecida, torna-se necessária e urgente uma tomada de consciência social, para que, se repense essa relação opressora e dominadora. Excluir uma das principais ferramentas para essa tomada de consciência é o processo educacional.

Durante o processo educacional se faz necessária uma atuação séria e responsável por parte dos profissionais da educação, considerando que estes são todos/as aqueles/as que estão presentes no ambiente escolar ou diretamente ligados a ele. Estes, quando comprometidos com a educação – que deve ser pela lei¹⁰: pública, gratuita, laica e de qualidade para todos – entendem que “alfabetizar é conscientizar”¹¹.(FIORI,1967,p.13)(Apud FREIRE,2011)

¹⁰Plano Nacional de Educação(2010/2020) do Executivo Federal(PL n.8.035/2012)

¹¹Ernani Maria Fiori, em prefácio a Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido

Uma pedagogia para o oprimido é a que se debruça em conscientizá-lo e emancipá-lo da alienação social (e humana), oferecendo-lhe as ferramentas necessárias para descobrir-se como sujeito histórico¹² e buscar a sua afirmação. Esta pedagogia, afirma Fiori, liberta tanto o opressor quanto oprimido. Liberta o oprimido a partir do momento em que este, consciente de sua condição, reflete e critica aquilo que lhe é imposto por parte do opressor, este por sua vez, também é liberto visto que, muitos são utilizados pelo sistema para esta “função social” sem ao menos tomar ciência de suas ações e consequências, logo, um opressor conscientizando tem total capacidade de romper com o ciclo vicioso da exploração e dominação.

A pedagogia do oprimido, conceituada por Paulo Freire, surge da necessidade do oprimido em superar a violência imposta pelo opressor em uma ‘relação’ social contraditória, tendo esta luta seu real sentido somente quando os oprimidos a usam para conquistar a sua humanidade, recriando-se em sua totalidade e, somente este poder que nasce “da debilidade do oprimido, será suficientemente forte para libertar a ambos” (FREIRE,2011,p.41)

Educar para libertação consiste em

despertar a consciência crítica, o sentido da existência, o desejo de liberdade e as ações libertadoras [pois] se faz necessário, para a prática social transformadora, o acesso ao saber científico, a leitura crítica do mundo, a reflexão sobre a realidade concreta, a superação do senso comum e a elevação cultural das massas¹³ (SANTOS,2012,p.34,39)

Emir Sader em prefácio a *A Educação Para Além do capital* questiona: “Para que serve o sistema educacional – mais ainda quando público -, se não for para lutar contra a alienação”(p.17), podemos dizer então, que a escola na perspectiva da educação para libertação não é apenas um prédio que transmite um conteúdo, é uma fonte de ensino e este por sua vez conscientiza e liberta da lógica neoliberal.

A pedagogia do oprimido propõe reflexões contra “a modificação política dos processos educacionais – que praticam e agravam o *apartheid* social –, mas [contra] a reprodução da estrutura de valores que contribui para perpetuar uma concepção de mundo baseada na sociedade mercantil”¹⁴.

Sendo assim, segundo Mészáros, a necessidade de modificar, não temporariamente

¹²designação gramsciana para o “agente coletivo da transformação, orientado por uma concepção orgânica do mundo”(SANTOS, 2012,p.77)

¹³“alude à ultrapassagem do ‘homem-massa’ a sujeito histórico” (SANTOS, 2012,p.77)

¹⁴Iana Jivekinga, em apresentação a István Mészáros, *A Educação Para Além do Capital*(2010, p.11,12)

mais sim de forma duradoura, “o modo de internalização historicamente prevalecente” (2010,p.52) é fundamental, pois sem isso é inalcançável a ruptura da educação com a lógica do capital, e é esse o papel desta pedagogia.

Paracelso afirma que “a aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte, ninguém passa dez horas sem nada aprender”¹⁵, porém há uma grande questão que não se pode desprezar: o que se aprende? O que temos aprendido durante toda a vida? E o mais importante, o que temos ensinado para que o outro aprenda?

Segundo Gramsci, educar é “resgatar o sentido estruturante da educação e de sua relação com o trabalho, as suas possibilidades criativas e emancipatórias”¹⁶(Apud MÉSZÁROS,2008,p.9)

Retornando ao questionamento de Sader, para que serve o sistema educacional? Para entregar – ‘despreparadamente’ – a sociedade, desde a mais tenra idade, ao mercado de trabalho onde “apesar de todo o seu trabalho, nada possui para vender senão a si mesma”¹⁷(MARX, Apud MÉSZÁROS,2008,p.37) e ser usada como mecanismo de manutenção do sistema ou para romper com a lógica do capital? Embora estejamos acostumados a ouvir nos discursos referentes a educação, que a intenção com o atual sistema educacional é a formação de um cidadão consciente – o que, por lógica, deveria significar a ruptura com um sistema explorador e opressor – podemos claramente observar as grandes contradições apresentadas neste capítulo as quais afastam cada vez mais o discurso da ação praticada.

A educação como prática da liberdade se faz necessária para uma mudança estrutural e a muito já salientado pelo educador Paulo Freire, pode não mudar o mundo sozinha, mas sem ela essa mudança se torna inviável.

¹⁵Citado por István Mészáros, A Educação Para Além do Capital.(2010,p.21)

¹⁶Iana Jivekinga, em apresentação a István Mészáros, A Educação Para Além do Capital(2010)

¹⁷Citado por István Mészáros, A Educação Para Além do Capital.(2010)

2. A Educação pública no Rio de Janeiro: Contextualização das políticas de ensino atual

O Órgão responsável pela Educação pública no Município do Rio de Janeiro é a Secretaria Municipal de Educação (SME). À ela cabe cuidar da Educação Infantil (0 a 5 anos); do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) e da Educação de Jovens e Adultos do Município, distribuídas nas 1.075 escolas, 252 creches públicas, 118 EDIs (Espaço de Desenvolvimento Infantil) e outras 168 creches conveniadas. Com cerca de 42 mil professores, a SME atende a 683.449 alunos. A Estrutura¹⁸ da SME vigente no ano de 2014, durante o mandato do prefeito Eduardo Paes, é responsável por uma das maiores redes públicas de ensino da América Latina¹⁹.

Dentro deste sistema educacional podemos encontrar as características já sinalizadas no primeiro capítulo deste trabalho referente á uma educação bancária, ou Pedagogia do Mercado. Alguns aspectos se destacam, primeiro seria a terceirização de algumas funções do ambiente escolar e da distribuição de materiais como as apostilas pedagógicas e os Kits contendo o material²⁰ escolar dos alunos.

Em 2010 deu-se inicio a implementação de projetos que, segundo explica a professora Juliana Lessa

Retiram-se do ciclo regular os alunos que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem, de defasagem idade/série ou baixo rendimento em testes diagnósticos, para inseri-los em projetos de realfabetização ou de aceleração da formação escolar. As turmas desses projetos são regidas por um professor polivalente, que, com a ajuda de um material pedagógico elaborado pela instituição que redigiu o projeto, ministra aulas de todas as disciplinas, depois de passar por um breve curso de capacitação. Dessa forma a SME consegue, de uma só vez, evitar que esses alunos com dificuldades comprometam a geração de índices positivos de aprovação ou de boas notas nas avaliações externas (já que as turmas de projeto não reprovam e não são avaliadas pelos testes que, pretensamente, medem a qualidade do ensino público); mascarar a falta de professores na rede (pois apenas um professor passa a dar aula de todos os conteúdos); permitir o repasse de verbas públicas para instituições provadas²¹ (uma vez que os projetos pedagógicos, bem como seus materiais e os cursos de capacitação de professores são comprados pela prefeitura).²²2013

¹⁸Anexo 2 – Tabela da estrutura da SME-RJ.

¹⁹Afirmação da apropria SME.

²⁰Caderno, lápis, borracha, cola, apontador, caderno de artes, lápis de cor, caneta hidrocor, caneta esferográfica, tesoura e giz de cera.

²¹Instituto Ayrton Senna, Fundação Roberto Marinho, etc.

²²Site Capitalismo em desencanto - <http://capitalismoemdesencanto.wordpress.com>

Outro processo visível na educação pública em nosso município é a “profissionalização” da gestão, este processo atual consiste em uma troca significativa na gestão educacional, que antes era vinculada a educação, agora passa a ser controlada por profissionais do “mundo dos negócios”. Com essa entrada do “espírito comercial”, segundo Adam Smith, “ as mentes dos homens ficam limitadas, tornando-se incapazes de se elevar [elevação cultural das massas]. *A educação é desprezada, ou no mínimo negligenciada*”(apud MÉZAROS, 2010,p. 29, grifo do autor).

Com a busca pelo “capital” a cada dia mais crescente, podemos observar que suas determinações “afetam profundamente cada âmbito particular com alguma influência na educação”(MÉZAROS, 2010,p.43). Esta realidade torna claro o que José Martí afirma ao dizer que “ser culto es el único modo de ser libre [...] Educar es depositar en cada hombre toda la obra humana que le há antecedido” ”(apud MÉZAROS, 2010,p. 58).

No projeto em curso da gestão do prefeito em exercício da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, temos a clara orientação das políticas educacionais como um negócio, a título de exemplificação temos a nomeação da Secretária Municipal de Educação uma profissional Graduada em Administração Pública pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV), mestre em Economia e doutora em Gestão, que administra a rede como um negócio.

2.1. Greve dos professores em 2013: A meritocracia e o PCCR.

Essas características de ensino público no Município do Rio de Janeiro tem gerado muita indignação na comunidade escolar que questiona diretamente o direcionamento das políticas educacionais no Rio para o esvaziamento do Estado e a transformação da educação em mercadoria, assim no dia 8 de agosto de 2013 deu-se inicio a greve que durou até o dia 25 de outubro de 2013, totalizando assim 79 dias em greve, sendo suspensa no dia 10 de setembro, porém retornando no dia 20 deste mesmo mês.

Entre a pauta das reivindicações²³, vale destacar o fim da meritocracia e a criação de um Plano de Carreira, Cargos e Salários – PCCR, ambos não alcançados. Mesmo com a criação do PCCR.

²³(I)Reajuste de 19%; (II) Plano de carreira unificado;(III) 1/3 da carga horária para planejamento; (IV) melhoria das condições de trabalho nas escolas e creches; (V) Fim da meritocracia.

Foto 1



Fonte: Jornal do Brasil

O embate referente ao PCCR produzido pela prefeitura do Rio e aprovado no ano de 2013, se dá há uma série de discordâncias entre o pedido pelo sindicato (SIMPRORIO) e o que foi apresentado no plano, alguns pontos que podem ser citados como exemplo destas discordância são: a equiparação salarial, o acréscimo salarial por formação, os professores darem aulas em disciplinas diferentes da sua formação porém da mesma área, a base para o cálculo do salário e os benefício por tempo de serviço. Outro alvo das reivindicações dos professores foi o material pedagógico utilizado pela secretaria, os cadernos pedagógicos analisados no próximo tópico

Durante a entrevista da revista Veja com a Secretária de educação, esta afirma, referente ao PCCR, que “o plano organiza apenas uma parte de como deve ser a educação. A grande transformação na educação tem a ver com algo que não é o plano: colocar o foco na aprendizagem [...] O plano tem que servir como um instrumento para essa transformação, dando condição adequada de trabalho ao professor”, afirmou também que por ter como sistema de seleção, para o professor da rede municipal, um concurso com a proporção de candidatos por vaga na média de 55/1, torna-se evidente que os professores da rede são os melhores da cidade, sendo assim “Não há razão para não oferecer também o melhor ensino da cidade, ainda que seja sem ar condicionado em algumas salas de aula e sem quadra coberta. O foco tem que ser no aprendizado”.

Este pensamento em defesa á meritocracia não é exclusivo da Secretária de Educação do município do Rio de Janeiro, o pró-reitor da

Fundação Getúlio Vargas – FGV, André Brito, a firma que

Pagar o mesmo salário aos professores indiscriminadamente é incentivá-los a dar aulas medíocres. Uma pessoa que está há anos se dedicando à profissão, preparando melhor as suas aulas e atividades e buscando qualificação não pode ter o mesmo que um profissional que não tenha nenhuma dessas qualidades. Quando se fala em dinheiro, desempenho e avaliação, as pessoas começam a ficar espertas – justifica Brito, que tem acompanhado o andamento dessa política nos âmbitos municipal e estadual.²⁴

Outro nome que aparece em defesa á esta política é o do economista da Faculdade de Economia da PUC-RJ, Cláudio Ferraz, dizendo que

A qualidade da escola passa principalmente pela qualidade do professor, E uma das maneiras de melhorar é criar estímulos para os docentes, É algo que pode geara insatisfação em parte da categoria, mas, se implementado da forma correta, funciona. É um avanço aténo sentido de tornar a carreira mais atraente para bons profissionais que acabam optando por outras áreas. ²⁵

Em oposição à política meritocratica, o professor titular da Faculdade de Educação da Unicamp, Luiz Carlos de Freitas, publicou em seu Blog, durante a greve dos professores de 2013, que “Uma escola não é uma pequena empresa. Não é como produzir sapato, parafuso, carro. Esse sistema não conta com a evidência empírica consistente disponível que ateste a sua adequação para ambientes educacionais.”

A política de meritocracia não é exclusiva do Brasil, esta já havia sido aplicada – e fracassado - nos Estados Unidos. A educadora americana Diane Ravitch, uma das principais criadoras desta política de meritocracia na educação, é também a autora de um livro²⁶ onde analisa criticamente esta política afirmando não ter tido resultados positivos, livro esse que estava sendo lançado no mesmo momento em que a Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro estava aplicando esta política nas escolas.

²⁴Fala retirada do blog do Professor Luiz Carlos de Freitas - <http://avaliacaoeducacional.com>

²⁵Idem

²⁶“Vida e morte do grande sistema escolar americano – como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação”. Vendido no Brasil pela Editora Sulina - www.editorasulina.com.br/detalhes.php?id=559

Em resumo, os objetivos desta política, segundo a Professora e Mestre em História Social, Juliana Lessa, são:

- “Geração de índices positivos (de alfabetização, de aprovação, de notas em testes nacionais e internacionais padronizados), sem a ampliação proporcional dos investimentos diretos”²⁷

É oferecida uma remuneração financeira (14º salário) para as escolas que conseguem manter esses índices positivos, a pressão por parte dos colegas de trabalho e até mesmo pela equipe pedagógica, a fim de receber esse valor, muitas vezes “obriga” o professor a lançar mão de seus princípios e aprovar até mesmo aqueles alunos que ainda não alcançaram os objetivos para aquela série e seguem sendo aprovados (pois essa prática se repete todos os anos) acumulando defasagens no processo de ensino-aprendizagem que dificultará, cada vez mais, seu aprendizado.

- “Permitir que empresas privadas passem a atuar no setor, [...] (provavelmente, como uma forma de cumprir compromissos assumidos com os financiadores das campanhas políticas)”²⁸

Esta ocorre por meio de ONG’s, Organizações Sociais ou outras parcerias público-privadas como já abordado no item 1.1 deste trabalho.

- “Desmobilização da categoria, para que seja possível flexibilizar os direitos trabalhistas dos profissionais da educação”²⁹

Foi possível observar, durante a greve de 2013, uma tentativa tanto por parte do governo quanto por parte da grande mídia de manipular a imagem do professor com o intuito de enfraquecer a categoria e sua luta fazendo com que os grevistas perdessem o apoio dos colegas de trabalho que ainda não haviam aderido à greve e o apoio também da comunidade, inclusive dos pais de alunos.

²⁷Site Capitalismo em desencanto - <http://capitalismoemdesencanto.wordpress.com>

²⁸Idem

²⁹ Site Capitalismo em desencanto - <http://capitalismoemdesencanto.wordpress.com>

Essa “modernização”, segundo SOUZA³⁰ “instala um processo de precarização³¹ que reforça continuamente a subjugação do professor e a necessidade de competitividade e produtividade”.(p.217,2013)

Esses processos são conseqüências do desfalecimento ou processo de fracasso escolar, gerado pelo novo tecnicismo que invadiu a escola sendo justificado pela necessidade de salva-la da “incompetência” e dos devaneios pedagógicos dos educadores “românticos” do final do século XX. Este desfalecimento provoca uma concepção que se “encrosta” no senso comum da população com uma visão negativa e frustrada do sistema escolar seguida da concepção enganosa de que a solução seria a privatização.

2.2 Casas de Alfabetização: A alfabetização carioca

Durante o trabalho de campo realizado, 10 professores atuantes neste segmento foram entrevistados com base em 11 perguntas sobre os materiais pedagógicos, as avaliações, o currículo, etc, (Anexo1)

As Casas de Alfabetização, que abrangem o segmento do ensino público do Município do Rio de Janeiro, são responsáveis pelo processo de alfabetização que, segundo Antunes diz respeito à

etapa inicial do desenvolvimento da aprendizagem sistematizada em que todo potencial cerebral é estimulado para diferentes aprendizagens, para estimular a memória e a criatividade e, sobretudo, para a progressiva ampliação do universo vocabular do aluno.(ANTUNES, 2008,p.88)

Para isso, as Casas de Alfabetização, objetiva-se em oferecer ao aluno um ambiente alfabetizador por todos os cantos o que facilita a construção de estratégia para alcançar bons resultados, as Casas de Alfabetização também pretendem reforçar o envolvimento do professor com a Coordenação Pedagógica, Educopédia– porém 60%³² dos professores entrevistados não fazem uso deste recurso e os que fazem dependem da disponibilidade do

³⁰ Aparecida Neri de Souza – Socióloga, Professora de Sociologia da Educação no Departamento de Ciências Sociais na Faculdade de Educação da Unicamp

³¹”processo de institucionalização da instabilidade no emprego e no trabalho[...] ausência do reconhecimento e perspectiva de trabalho dos professores [...] os professores parecem não estar mais protegido por um estatuto social de emprego estável e formal”(SOUZA, 2013p.219)

³²Resultado da entrevista realizada no trabalho de campo

tempo e/ou acesso ao sinal da internet que nem sempre esta disponível-, utilização dos cadernos pedagógicos, reunião com os responsáveis, presença de estagiários e voluntários. Infelizmente a realidade se encontra muito distante do idealizado, 80%³³ dos professores entrevistados avaliam o conteúdo, para este segmento, inapropriado, exagerado, fraco e/ou fora da realidade, também podemos observar que realmente importa é o comprimento das metas pré-estabelecidas sem se importar com a consequência destas imposições e maneira como são alcançadas. Além disso, na entrevista realizada no Trabalho de Campo, 8 dos 10 professores julgam o currículo destinado as suas turmas inadequado. A entrevista apresentou também a realidade em sala de aula através da opinião dos professores em relação ao material didático, as avaliações e a atual gestão da SME/RJ, vista de forma geral pelos professores como ditatorial e desinteressada coma educação.

2.2.1 Os materiais didáticos: Cadernos pedagógicos

As escolas públicas recebem uma apostila, chamadas de Cadernos Pedagógicos, com os conteúdos das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, desconsiderando então todos os conteúdos referentes aos conhecimentos da História, Ciências e Geografia.

Estes cadernos pedagógicos são desenvolvidos pela SME e enviados as escolas a fim de serem utilizados no lugar do livro didático os quais, pelo menos nos primeiros anos do Ensino Fundamental, foram instintos das escolas. O professor se encontra preso á uma ordem de tarefas já programadas por pessoas que não conhecem os seus alunos muito menos suas realidades. Com um conteúdo universalizado, todas as escolas aplicam as mesmas atividades nos mesmos dias, pois as atividades dos cadernos pedagógicos são bimestrais e organizados por semana mesclando os conteúdos de português e matemática nas 12 atividades propostas para cada semana, em alguns casos, seguindo um tema geral e em outros com atividades distintas onde não há uma lógica na ligação das mesmas.

³³ Resultado da entrevista realizada no trabalho de campo

Imagem 1

Vamos ler outros versos da música?

“Quem quer **brincar** de roda,
Jogar peteca ou **danc**ar quadrilha...
Quem quer **brincar** de esconder,
de **rebolar** com o bambolê.
Depois vou **pular** corda e **jogar** pião.”

Sua vez agora...

8 - Vamos brincar de mudar as palavras! Complete com outras palavras e faça a música ficar do seu jeito.

Quem quer **brincar** de _____,
Jogar _____ ou **danc**ar quadrilha...
Quem quer **brincar** de _____,
de **rebolar** com bambolê.
Depois vou **pular** _____ e **jogar** _____.

Observe as imagens. Elas vão auxiliar você na escolha das palavras.

Fonte: Caderno Pedagógico, 1º Bimestre, 2013

Os maiores problemas em relação à utilização destes cadernos pedagógicos são a perda de autonomia do professor, o “engessamento” da aula e dos conteúdos e a padronização do ensino, além de não levarem em consideração a especificidade de cada turma. O professor se encontra preso a ele, os 4 dias semanais (uma vez por semana a turma passa por rodízio, onde as aulas de inglês, sala de leitura, educação física e artes são ministradas por outros professores enquanto o professor regente esta cumprindo o seu horário de planejamento) nem sempre são suficiente para a realização de atividades extras, pois se segui-lo não conseguira ampliar as suas aulas já que ainda precisa organizar o seu tempo para a realização da rotina, a chamada e o intervalo.

Caso o professor opte por abrir mão do uso do caderno pedagógico - mesmo sem ser dado a ele essa opção - sua turma encontraria grande dificuldade em realizar as provas bimestrais que também são enviadas pela SME, visto que, estas são baseadas nas atividades e conteúdos apresentados nos cadernos pedagógicos, os professores são então limitados - discreta e indiretamente - a darem apenas os conteúdos já predeterminados, tornando a aula muitas vezes monótona pelo distanciamento do cotidiano do aluno pelas atividades padronizadas tanto para o aluno de uma escola da Zona Sul quanto para aquele aluno que mora e estuda em uma área de risco da Zona Oeste e que por várias vezes tem a sua escola fechada devido confrontos na região.

Além desses problemas já sinalizados é muito comum encontrar erros quanto à organização do espaço para as respostas além dos erros de digitação e até de conteúdos onde o

professor necessita parar a aula para corrigi-lo junto com os alunos, isso é, quando o erro não esta em alguma atividade enviada para ser realizada em casa o que pode dificultar ou até mesmo impossibilitar a realização da mesma.

Imagem 2

FIQUE ATENTO A ESTA SUBTRAÇÃO

ATIVIDADE 49

Obrigada! Adorei as figurinhas que você me deu.

Luís tem 34 figurinhas e deu 18 figurinhas para Cida. Com quantas figurinhas ela ficou?
Veja como resolver este problema usando o MATERIAL DOURADO.

Desagrupando a dezena...

DEZENA	UNIDADE
10	4

3 DEZENAS 4 UNIDADES

DEZENA	UNIDADE
10	4

2 DEZENAS 14 UNIDADES

DEZENA	UNIDADE
10	4

2 DEZENAS 6 UNIDADES

3	4
- 1	8
2	6

Fonte: Caderno Pedagógico, 1º Bimestre, 3º ano do Ensino Fundamental, 2014

Dos professores entrevistados, 80%³⁴ julgam os cadernos pedagógicos inadequados e insuficientes afirmando ainda que as atividades, em geral, não são claras, são complexas e de difícil entendimento para os alunos e 60%³⁵ utilizam outros materiais como jogos, livros, vídeos e músicas para completar as suas aulas, além disso, somente 30%³⁶ nunca encontraram (ou não se lembram) algum tipo de erro neste material distribuído pela Prefeitura.

Outro questionamento em relação aos cadernos Pedagógicos é o descumprimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que apresentamos conteúdos de cada disciplina que deve ser trabalhado em cada segmento, para a Casa de Alfabetização – antigo primeiro ciclo – é listado uma série de conteúdos para as disciplinas de História, Geografia e Ciências aos quais são completamente desconsiderados na elaboração dos Cadernos Pedagógicos, além de não seguir outras leis relacionadas a educação como por exemplo a Lei 11.645/08 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, mesmo tendo uma grande quantitativo de alunos Afro-Brasileiros em sala de aula, a imagem

³⁴ Resultado da entrevista realizada no trabalho de campo

³⁵ Idem

³⁶ Ibidem

dessa parte da população é quase inexistente nos Cadernos Pedagógicos.

2.2.2 As avaliações: Testes padronizados

Outro fato que também tira a autonomia do professor em sala de aula são as avaliações, provas enviadas pela própria SME realizadas bimestralmente pelos alunos e corrigidas pelos professores seguindo as orientações recebidas juntamente com as avaliações.

Além de retirar a autonomia do professor para elaborar a sua própria avaliação, retira dele também a autonomia na correção, além disso, é valido ressaltar que alguns tópicos de correção são no mínimo inapropriados, um exemplo disso pode ser visto nas provas de produção textual direcionadas para o 2ºano onde uma das exigências é a escrita ortograficamente correta de todas as palavras o que é uma exigência irreal para uma turma que ainda esta no processo de alfabetização.

Imagem 3

DESCRITOR: Escrever frases.

QUESTÃO 10

Leia as palavras abaixo, escolha uma delas e escreva uma frase com ela.
Lembre-se do ponto final!

azedo carro casa

Fonte: Avaliação, escrita, 2º ano do Ensino Fundamental, 2º Bimestre, 2013

3. Mudança estrutural: Repensando as práticas da Casa de Alfabetização Carioca

Mediante a tudo o que aqui já foi apresentado, torna-se clara a necessidade de uma mudança estrutural, principalmente na fase de alfabetização, para isso deve-se:

- Focar na necessidade de se levar em consideração a realidade do aluno (cultura, ambiente, estrutura familiar, história de vida...)
- Valorizar cada aprendizado reconhecendo que cada aluno é único e possui o seu ritmo.
- Criar um ambiente alfabetizador com livros, jornais, placas, revistas, textos digitais ou impressos...

Outra mudança igualmente necessária é a retomada da autonomia por parte do professor para que este possa escolher os materiais – principalmente os livros didáticos – e a forma e critérios de avaliação para sua turma. Aulas mais dinâmicas, possibilidades do uso de outros recursos em sala de aula, cursos de atualização para os professores, redução do quantitativo de alunos em sala de aula, apoio educacional para turmas com alunos integrados e o fim das metas impostas para as escolas ajudaram a alcançar uma educação de qualidade e uma alfabetização verdadeira.

3.1. Uma nova escola é necessária

Além dos autores já abordados, outros três nomes se debruçaram em refletir sobre uma educação justa e igualitária, Dermeval Saviani, Antonio Gramsci e Mario Alighiero Manacorda.

Para Saviani, a educação é um projeto que engloba os três níveis, os (I)Saberes técnicos (como fazer) que são os saberes “básicos” para desenvolver uma determinada profissão e baseia-se na teoria do capital humano que, possui a lógica de somente investir no que gerará capital para ele; (II)Fundamentos científicos que são os conhecimentos da área específica á sua profissão, por exemplo, o mecânico precisa estudar física, o arquiteto precisa estudar geometria; (III)Conhecimentos gerais que não estão ligados, de forma direta, à formação profissional, e sim, à formação humana do indivíduo enquanto cidadão.

Pode-se afirmar então que “a politecnia – apoiada em sua dimensão socialista – representa uma profunda ruptura com o projeto de educação profissional e, fundamentalmente, com o projeto de formação humana posta pela sociedade burguesa”(RODRIGUES)³⁷

Diante disso, pode-se concluir que o currículo hoje se limita aos saberes técnicos e em alguns casos encontramos “fragmentos” de fundamentos científicos. Fica claro que Saviani defendia projetos pedagógicos e currículos escolares que objetivassem a preparação para o mundo do trabalho, o qual é aquele em que ele está inserido, ao contrário da atualidade, em que este somente objetiva a formação profissional.

O que ocorre na sociedade é que a escola tem bloqueado o desenvolvimento destes intelectuais da classe proletária. Gramsci afirma que

um proletário, ainda que inteligente, ainda que possua todos os meios necessários para tornar-se homem de cultura, é constrangido a estragar sua qualidade em atividades diversas, ou a se transformar num, obstinado, um autodidata, isto é (com devidas exceções), um homem que não pode dar tudo o que tem poderia caro tivesse se completado e fortalecido na disciplina da escola. A cultura é um privilégio. E nós não queremos que seja assim. Todos os jovens deveriam ser iguais diante da cultura (GRAMSCI,1976)

Gramsci comparava o mercado de trabalho a um carrossel girando, com todos os lugares ocupados, tendo apenas um único lugar vago onde os candidatos devem disputar, insanamente, para conquistá-la, a escola, neste caso, pode assumir um dos dois papéis, ou prepara os melhores para conquistar esse lugar, ou eleva a cultura das massas para exterminar essa lógica, ao assumir esse papel passa a ser vista por desinteressada por não demonstrar interesses comuns à sociedade capitalista e seu modelo de educação neoliberal. Para romper com essa lógica é necessário à aquisição do conceito de escola

Não distante do pensamento de Gramsci e de Saviani, Manacorda defendia a idéia de uma educação Omnilateral a qual forma o cidadão em todos os seus aspectos fazendo, assim, dele um homem completo, esta faz com que o homem se mantenha amplamente aberto aos saberes mais diversos, contemplando então, uma formação para vida plena tendo em seus estudos conteúdos de todas as ciências, artes, área de humanas e esporte.

³⁷ Educação politécnica-Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro. unitária pela sociedade.

Para Manacorda a formação geral ampla deve ser constituída por uma formação científica sólida logo, sua crítica vai de encontro á teoria de Inteligências Múltiplas da maneira a qual é interpretada e difundida pela sociedade. Para ele as Inteligências Múltiplas não são desenvolvidas na proporção de uma para cada, sendo aquele que desenvolve mais de uma, visto pela sociedade como um ‘super-homem’ ou ‘mulher maravilha’, a teoria das inteligências múltiplas é apenas uma divisão, sendo totalmente ‘humano’ desenvolver todas elas.

Essa educação Omnilateral critica a proposta da escola burguesa de adestrar o operário para o controle das máquinas, para isso necessita superar o capital, assim como afirmam Max e Engels

la superación de la propiedad privada representa, por tanto, la plena emancipación de todos os sentidos y cualidades del hombre.(...)(por sua vez), el hombre solo deja de perdesse en su objeto cuando éste se convierte papa él en objeto humano o en hombre objetivo (MARX e ENGELS, 1987, p. 620)³⁸

O ensino na educação Omnilateral, por sua vez, deveria ser transformador, abrindo um “leque” de opções podendo desfrutar de nossa capacidade mental e física.

Tanto para Saviani, Gramsci e Manacorda quanto para muitos outros, o que impulsionou suas inquietações foi, e ainda é, a ferocidade da dualidade escolar, que consistem em uma formação intelectual e cultural diferente para cada classe social, ou seja, o que é oferecido à classe burguesa não se torna acessível ao proletariado, enquanto aos burgueses é ofertada uma educação elitizada com o objetivo de mantê-los como detentores do capital e dos meios de produção, ao proletariado, é oferecida somente a possibilidade de “escolher” manter-se como dono, unicamente da mão-de-obra. Somente uma escola unitária oferecerá uma educação politécnica para uma formação Omnilateral.

Diante de tudo aqui apresentado, não há como negar a importância do papel do professor na busca por uma educação melhor, uma educação emancipatória.

É de fundamental importância nós professores entendermos que enquanto ficarmos de braços cruzados esperando que esta mudança parta daqueles que estão completamente satisfeitos com a atual situação, aqueles que a cada dia enriquecem com o dinheiro que

³⁸ Justino de Sousa Junior em Omnilateralidade, Dicionário da educação profissional em saúde.

prometeram utilizar para melhorar a nossa qualidade de vida, proporcionar saúde, educação e segurança, aqueles que depois de quatro anos sem fazer nada por você, sem lutar pelos seus direitos e sim votando em leis que beneficiam apenas os próprios interesses, estes que iram ser transformados pela mídia em bons samaritanos que defendem o chamado “povão”; nada acontecerá.

Mas, se lutarmos por este mundo que desejamos, se deixarmos de ser aquele que apenas obriga o aluno a decorar informações que ele nunca usará, nem jamais entenderá, e passarmos a ser aquele que transforma, aquele que além de transmitir o que sabe também está aberto a aprender com o aluno e assim criar uma troca de conhecimentos, se formos aqueles que negam a cultura de não discutir a política e sim promover debates sobre ela, estaremos iniciando a caminhada para alcançarmos a tão sonhada mudança.

Enquanto lutamos por uma educação para a libertação, o desejo pelo lucro e poder vem enraizando, a cada dia mais, os princípios da educação bancária através do engessamento e da retirada da autonomia do professor com avaliações e materiais didáticos preparados sem se quer contar a com a participação deste educador que está em sala de aula e ainda precisa trabalhar com os Cadernos Pedagógicos onde se encontra erros tanto ortográficos como em relação a conteúdo.

Somente uma escola unitária oferecerá uma educação politécnica para uma formação omnilateral onde não é mais visado somente o lucro e o interesse da minoria elitizada e sim a preocupação com a emancipação humana, rompendo com a lógica do capitalismo.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Celso. **Professores ou professoauros: qualidade e progresso ou estagnação e retrocesso - Em breves palavras.** Rio de Janeiro: Rovel, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 50 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GRAMSCI, Antonio. **Homens ou Máquinas?** In: Escritos Políticos. Lisboa: Seara Nova, V.1, 1976.

JUNIOR, Justino de Sousa. **Omnilateralidade.** Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro.

MARQUES, L. P.; MARQUES, C. A. **Dialogando com Paulo Freire e Vygotsky sobre Educação.** In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 29., 2006, Caxambu/MG.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para Além do Capital.** 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

RAVITCH, Diane. **Vida e morte do grande sistema escolar americano: como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação.** Tradução de Marcelo Duarte. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RODRIGUES, José. **Educação politécnica.** Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro.

RIZZOTTO, Maria Lúcia Frizon. **Neoliberalismo e saúde.** Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro.

SANTOS, Aparecida de Fátima Tiradentes Dos. **Pedagogia do Mercado: Neoliberalismo, Trabalho e Educação no Século XXI.** Rio de Janeiro: IbisLibis, 2012.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da politécnica. Trabalho, Educação e Saúde. 1(1): 131-152, 2003.

SOUZA, Aparecida Neri de. Professores, modernização e Precarização. In: ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil II.** São Paulo: Boitempo, 2013. cap. 13, p.217-227.

Sites

Conheça a Secretaria. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme /conheca-a-secretaria>>. Acesso em 16 de Abril de 2014.

Educação não é mercadoria! A quem serve a lógica da meritocracia nas escolas?. Disponível em: <<http://capitalismoemdesencanto.wordpress.com/2013/09/10/educacao-nao-e-mercadoria-a-quem-serve-a-logica-da-meritocracia-nas-escolas/>>. Acesso em 16 de Abril de 2014.

Estrutura. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/estrutura>>. Acesso em 16 de Abril de 2014.

Professores em greve fazem manifestação em Copagabana. Disponível em: <<http://m.jb.com.br/fotos-e-videos/galeria/2013/08/18/professores-em-greve-fazem-manifestacao-em-copacabana/>>. Acesso em 16 de Abril de 2014

O bom plano de carreira dos professores da cidade do Rio, segundo Claudia Costin, secretária da Educação. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-bom-plano-de-carreira-dos-professores-da-cidade-do-rio-segundo-claudia-costin-secretaria-da-educacao/>>. Acesso em 16 de Abril de 2014.

RJ: professores contra meritocracia. Disponível em: <<http://avaliacaoeducacional.com/2013/08/17/rj-professores-contra-meritocracia/>>. Acesso em 16 de Abril de 2014.

Anexo

Anexo 1 – Entrevista

- Dados pessoais

1. Nome:
2. Formação:
3. Cargo e tempo em que está no cargo:
4. Já trabalho na alfabetização? () Não () Sim, por quanto tempo:

- Questionário

1. Os cadernos pedagógicos utilizados para este segmento são adequados e suficientes?
2. Você já encontrou algum tipo de erro nos cadernos pedagógicos?
3. As atividades propostas nos cadernos pedagógicos são claras e de fácil entendimento para os alunos?
4. Este material cumpre as exigências do PCN e leis como a 11.645/08 (lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura Afro-Brasileira e Indígena)?
5. Os conteúdos dos cadernos pedagógicos são compatíveis com as avaliações enviadas pela SME?
6. Como você avalia os cadernos pedagógicos distribuídos pela SME?
7. Você faz uso da Educopédia? Porquê?
8. Além dos cadernos pedagógicos você faz uso de algum outro material em sala de aula? Porquê?
9. Como você avalia o currículo destinado a sua turma?
10. Como você avalia a atuação da atual gestão municipal no qual se refere à educação?
11. Como você se sente em relação ao seu trabalho? Por quê? Era assim quando você ingressou no Município? O que você acha que provocou essa mudança?

Anexo 2 - Tabela

Estrutura - SME	
Secretária Municipal de Educação	Claudia Costin
Subsecretária de Ensino	Helena Bomeny
Subsecretário de Gestão	Paulo Roberto Santos Figueiredo
Subsecretário de Novas Tecnologias Educacionais	Rafael Parente
Chefe de Gabinete	Almir de Oliveira
Assessora Especial	Mariza Lomba Pinguelli Rosa
Assessor de Comunicação Social	Marcello Gazzaneo
Coordenadora de Planejamento	Luiza Vaz
Coordenadora de Administração	Bettina Libonati
Coordenadora de Gestão Escolar e Governança	Kátia Max
Coordenadora de Educação	Maria de Nazareth Machado de Vasconcelos
Coordenadora de Recursos Humanos	Maria de Lourdes Albuquerque Tavares
Coordenador de Infraestrutura	Claudio Massa
Diretora do Instituto Helena Antipoff	Kátia Nunes
Conselhos	
Conselho Municipal de Educação	
Presidente	Claudia Costin
Conselho Municipal de Acompanhamento e Controle Social do Fundo de Manutenção e desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB)	
Secretária	Maria Cristina L. Kohn
Conselho Municipal de Alimentação Escolar	
Presidente	Mário Luís Larrubia